

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº83 - JANEIRO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABIÓLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Primeira Versão destina-se a divulgar ensaios breves em todas as
Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

83



A LITERATURA BRASILEIRA

ALBERTO LINS CALDAS



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História – UFRO
caldas@unir.br - www.unir.br/~caldas/Alberto

**A LITERATURA BRASILEIRA
A NATUREZA, A HISTÓRIA, A TEORIA E O POVO**

incipit

A ciência/filosofia têm compreendido o mundo:

- 1) Como se houvesse um deus morto como suporte invisível, como garantia epistemológica, em última instância (a anterioridade, a não presença, e o depois do “humano”): um em-si de pura materialidade organizada, com leis, em processo estrutural: um olho, uma vontade e uma impossibilidade de ver e sentir depois de tudo;
- 2) Como cosmo, natureza, exterioridade regida por uma lógica interna, esquecimento que essa lógica é a do mundo que a cria enquanto instrumento, avaliação, vivência e poder;
- 3) Há uma perspectiva mercantil em como a ciência vê o mundo: não somente enquanto objeto, mas mercadoria: o “pequeno mundo” burguês se transforma num cosmo completo;
- 4) O “humano” como criador da própria sensibilidade, percepção, idéias, relações, interioridade e exterioridade;
- 5) Uma historicização radical jamais foi levada em consideração porque assim se desmontaria toda a estrutura de suporte da própria historicização;
- 6) A prática como fundamento do teórico, mas não o teórico, o prático e os mundos a partir deles como algo absolutamente vindos de um horizonte estritamente social, imaginário, virtual;
- 7) O “mundo ativo” e o “mundo subjetivo” como dimensões vivas, não de um real-como-ele-é, mas fundamentos da virtualidade;
- 8) A “atividade humana” não cria o mundo, mas faz parte não somente de determinado momento explicativo como na sua própria essência é virtualidade em processo: programa social em movimento;
- 9) A questão da verdade liga-se aos quadrantes sociais que a legitimam, provam e a fazem circular, e não a uma possível prova teórica ou prática;
- 10) Não há um mundo real, objetivo, prático e um mundo fictício, mítico, religioso: não há o real e o imaginário: no viver como o vivemos o real só é real porque é essencialmente imaginário, mítico, religioso, ideológico, ficcional: somente assim o reconhecemos, o trabalhamos, o modificamos;
- 11) Para nós é o trabalho quem cria a virtualidade;

12) A universalidade e a naturalização são estratégias de um real que não se aceita imaginário, não se vê como mítico, não se concebe como ficcional: esse não-se-vê estratégico funda suas filosofias, ciências e políticas como suporte ideológico da própria virtualidade;

13) Os componentes do real, seus fundamentos, articulações, visibilidades e crenças não estão-aí: estão-aí simplesmente porque é assim que esta tribo vive e faz o viver funcionar;

14) A história, a natureza, a nação, o povo, a raça, a língua, o corpo, o território, a tradição são componentes de uma rede de programas estratégicos que fazem funcionar o conjunto social como um todo.

A CHAMADA LITERATURA BRASILEIRA

- Aquilo que poderia ser a "cultura brasileira" seria, no mínimo, um nó desfeito. Não "cultura indígena", "cultura européia", "cultura africana", "cultura asiática". Aquilo que se chama "brasileira" seria a dissolução, o fim, a descrença, o afastamento dessas "culturas", "identidades", "crenças": deveria ser um afastamento objetivo mas tem sido somente uma aproximação ingênua: teria tudo para ter se iniciado do caos, e ainda não saiu do seu galinheiro caseiro;

- A "nossa literatura" não poderia ser aquela que se fez e se faz, sempre integrada, sempre estatal, sempre mimética, sempre aceitável, sempre europeizante ou estadunidense, de um modo ou de outro sempre cega e surda aos movimentos mais profundos e complexos da virtualidade e dos programas de determinado território (como se o território da literatura fosse um Território) proclamado como Brasil, ou das virtualidades em conflito, em devires;

- Uma "literatura brasileira" deveria ter outra função: dizer a-partir, depois dos nós, podendo dizer não antes das dissoluções nem dizendo para aquilo que já se dissolveu, mas a-partir da dissolução, a-partir da não-identidade, do não-povo, da não-nação, da não-língua, da não-natureza, da não-história: por isso não há ainda uma "literatura brasileira" coerente com seus teóricos, com a historiografia, com a reflexão literária em geral, com seus ideólogos;

- Esta reflexão "leva em conta" algumas naturalizações historiográficas como "cultura", "negro", "indígena", "branco", "cristão", "europeu", "português", "migrante": se estas "histórias do Brasil" fossem realmente levadas em conta jamais poderia haver uma literatura como a que tem sido feita: sempre antes das dissoluções que eles mesmos pregam. Fazem, ainda, uma literatura artesanal da identidade, da cor, da terra, do lugar, da classe, do povo, da elite, das tradições, das influencias, dos folclores, dos galinheiros;

Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda, Darci Ribeiro: corretos, fundar-se-ia outra literatura: criou-se uma "literatura colonizada", como se antes dos historiográficos nós desfeitos, antes da entrega, antes do abandono: uma literatura alienada no seu mais íntimo fundamento: uma literatura para se tornar língua, território, povo, gramática, poder;

- A ficção não rompendo com certa "tradição retórica" (uma lógica e um a metodologia) que a liga aos regionalismos, a Gramática, as tradições, a língua, não consegue se tornar literatura;

- A "literatura brasileira" não precisa mais "construir a nação", "remodelar o Estado", ou mesmo "ajudar a criar o povo": então porque continua tão provinciana, tão "naturalista", tão regional e suburbana?

- No "mundo ficcional" a "medida de todas as coisas" é o inverossímil, o absurdo, uma forma de relativismo que levanta o ser do real na medida do seu se fazer: não é uma "evasão do mundo" mas um retorno por dentro, antes e depois, onde o sagrado se interpenetra com o mistério criando um holograma: não uma alucinação ou uma miragem: mas o ser no seu sempre renovado aparecer;

- Articular a singularidade ao coletivo, relativizando as realidades e seus fluxos: como se fosse criado um conceito, uma abstração: ficção não é o dentro da realidade, mas a realidade ludicamente no seu se fazendo;

- A literatura cria um mundo mais vivo, mais rico, mais movimentado porque não está saturado, imobilizado pela alma e pelo corpo da mercadoria.

- Não há "língua culta", "língua do povo", "língua superior", "língua literária", "língua filosófica", "língua técnica", "língua primitiva", "língua dominante": cada um com seu problema imaginário, com seus obstáculos: a literatura, a revolta, o grito, a fome, a indignação, a magia, o devaneio estão pouco se importando com esses limites ridículos: a literatura não se faz numa língua, mas na *linguagem*. Essa "história da literatura" é resultado de nacionalismos ou imperialismos delirantes: a literatura é o que flui entre as línguas, apesar das línguas: e se faz independente de todos os ridículos imaginários que tentam impedi-la de se realizar.

- A aparência deve aparecer na literatura apenas metonimicamente: por dentro, sem aparecer (seu aparecer é no cotidiano: máscaras), vista através dos reflexos, dos traços: como quem vê passar os que vão para uma festa, com suas roupas próprias, com sorrisos e esperanças, mas não vê o lugar da festa, não experiencia a festa.

- A literatura enquanto magia rearticula a "diferença" entre "arte superior" e "arte inferior", "arte de elite" e "arte popular", "arte sagrada" e "arte mercantil", "arte interessada" e "arte desinteressada". Mas exige que a liberdade como fundamento se encontre com a liberdade como formação: que a liberdade da obra se encontre plenamente com a liberdade do leitor em aventura. A liberdade da obra, sendo muito maior que o prazer do simples consumir, ficará inconsumida, gasta, perdida se não encontrar o consumidor livre (pervertido) que a exige para bem mais do que uma deglutição passageira, para um pão-pão queijo-queijo.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

*o tempo
grave
neste grito
mudo*

*minhas mãos
em greve
meu olhar
e tudo*

*que não
posso ver
(o silêncio
ao lado)*

*nada
por fora:
por dentro:
nada*

CARLOS MOREIRA